



O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA EDUCAÇÃO SEMIPRESENCIAL ATRAVÉS DO PROJETO “VISITE SEU BAIRRO”

Sarah Borges Luna¹

Daiana de SouzaAndrade²

RESUMO

A educação a distância no Brasil é considerada uma modalidade em expansão. Segundo a lei, ela é apresentada numa forma semipresencial, correspondendo a uma parte de conteúdo virtual e outra na forma presencial nos polos de apoio. É interessante compreender as formas de interação que os discentes, nesse método de ensino irão interagir. Discutiremos a problemática da presença em meio virtual e importância da tecnologia como um suporte para transmissão de conhecimento. A Licenciatura em Turismo se apresenta como a formação de educadores e é atualmente o único curso com essa finalidade oferecido pela Fundação Cecierj/Consórcio Cederj do Rio de Janeiro. A modalidade a distância é apoiada pelas universidades públicas que possuem como compromisso o ensino, a pesquisa e extensão. Desta forma, como objetivo do artigo, defenderemos que esses pilares devem ser vivenciados igualmente pelos alunos semipresenciais. Para tanto, apresentaremos o andamento do projeto “Visite seu bairro”, aprovado pelo Edital de Incentivo ao Ensino, Pesquisa e Extensão para os Cursos de Graduação na modalidade à distância do Programa Território e Trabalho da Unirio, com bolsistas do referido curso.

Palavras Chave: Ensino a distância; Licenciatura em Turismo; Extensão e Pesquisa.

ABSTRACT

Distance education in Brazil is considered a form expanding. Under the law, it is presented in a blended form, corresponding to a part of another virtual content and the form in person at the poles for support. It is interesting to understand the forms of interaction that students, this teaching method will interact. We discuss the problem of presence in the virtual environment and the importance of technology as a support for knowledge transmission. The Major in Tourism is presented as teacher training and is currently the only course offered for this purpose by the Fundação Cecierj / Consórcio Cederj of Rio de Janeiro. The distance mode is supported by public universities have committed to teaching, research and extension. Thus, aim of the article we will defend these pillars must also be experienced by students semipresential. Therefore, we will

¹Fundação Cecierj/Consórcio Cederj. Graduada em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Arte e Cultura pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro/Universidade Cândido Mendes (IUPERJ/UCAM). Tutora do Curso de Licenciatura em Turismo da Unirio - Fundação Cecierj/Consórcio CEDERJ. Pesquisadora do T-Cult - Grupo de Pesquisa de Turismo e Cultura da Universidade Federal Fluminense (UFF).

²Fundação Cecierj/Consórcio Cederj. Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (2008). Especialista em História da África e do Negro no Brasil pela CEAA/UCAM (2013). Tutora do Curso de Licenciatura em Turismo da Unirio - Fundação Cecierj/Consórcio CEDERJ.



present the progress of the project "Visite seu bairro", approved by Edict Incentive Education and Research for Undergraduate Courses in distance mode Program Planning and Work Unirio with students that course.

Keywords: Distance Education; Major in Tourism; Extension and Research.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a educação a distância como modalidade de ensino, é citada pela primeira vez na lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 1996, no artigo 80 que prevê que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Essa forma de aprendizagem se apoia nas novas tecnologias, para transmissão dos conteúdos. Através das tecnologias de informação e comunicação (TIC) há a modificação das relações à distância, pois, se alteram a integração do tempo e espaço. Permite-se assim, o acesso de alunos residentes de localidades mais afastadas e também daqueles que possuem dificuldades que os impeçam a frequência na educação presencial.

Para Catramby e Macedo (2006), os recursos tecnológicos devem ser usados como ferramentas de integração entre os professores, tutores e alunos. Essa é a diferenciação entre as duas formas de ensino, presencial e a distância, visto que, “contribuem para evitar o isolamento e manter o processo instigante, motivador, possibilitando ao aluno um sentimento de pertencimento ao grupo” (2006, p.3). Contudo, o ensino a distância (EaD) pode ser considerado um processo solitário para o discente, quando não há a interação entre os atores do processo.

Embora, muitos alunos enxerguem a modalidade como uma forma “mais fácil” de cursar uma graduação, é importante desconstruir a ideia de uma relação completamente à distância. Para tanto, cabe o incentivo a participação mais evidente dos alunos. Por isso há também, o modelo semipresencial. Esse consiste em aulas lecionadas no ambiente de aprendizagem online e outra parte presencial, que ocorre nos polos de apoio como complemento à parte virtual. No Brasil, essa é a modalidade adotada e obrigatória por lei (GODOY, 2009).

O ensino a distância é uma oportunidade de o aluno estar inserido no ambiente acadêmico, porém no tripé – ensino, pesquisa e extensão – há poucas experiências de pesquisa nessa modalidade. Do aluno da EaD espera-se autonomia e vontade de aprender.

O ensino a distância é uma oportunidade de o aluno estar inserido no ambiente acadêmico, porém no tripé – ensino, pesquisa e extensão – há poucas experiências de pesquisa nessa modalidade. Do aluno da EaD espera-se autonomia e vontade de aprender. Para tanto, a proposta de atividades complementares poderá estimular o interesse pela pesquisa e a participação em projetos que auxiliarão o aprendizado que, pode se mostrar mecanizado no âmbito da educação semipresencial.

Relações à distância, presencial e semipresencial

Quando se trata do modelo EaD, muitas discussões são pertinentes. Ao pensarmos as diferenças das relações estabelecidas do contato entre o professor – sendo esse coordenador de disciplina, ou o tutor – e o aluno, poderão ser bastante difusas. Godoy (2009) discute o sentido da presença em ambas as formas educacionais, sejam elas o ensino “convencional” e o a distância. A distinção entre a presença e a distância, seria a apresentação física do indivíduo no ambiente educacional. No entanto, haveria uma forma de presença mesmo que, no meio virtual. Assim,

surge, a partir de então, um relacionamento entre as palavras presença, ausência, afastamento e distância, que nos conduz a alguns questionamentos. Se o contrário de presença nos caminha a ideia de ausência e, para que haja educação, a presença é condição fundamental, seria viável haver presença na distância? Seria possível, mesmo distante, estabelecer algum tipo de presença que se configurasse como capaz de estabelecer os sentidos desejáveis e necessários à educação? O que surge como resposta é a ideia de uma presença que gera uma espécie de “aproximação” – no caso da EaD, um tipo de presença que seja “virtual”. (GODOY, 2009, p. 27)

Isto poderá ser possível através das tecnologias de presença. No caso da EaD são propostas ferramentas como a plataforma digital, dotada de recursos como o envio de mensagens, fóruns, videoconferências, etc. No modelo semipresencial, como já citado, busca se estabelecer o contato real entre os atores do processo educacional. Atuando diretamente nos polos de apoio e sendo essa “parte física”, nós observamos a necessidade que alguns alunos possuem em frequentar estes locais. Pode ser pelo fato de estarem acostumados a modalidade presencial, afinal essa é a forma mais comumente



adotada, no ensino fundamental e médio. Além disso, muitos não estão familiarizados com as tecnologias digitais.

Podemos questionar a relação da tecnologia e educação, quanto ao uso das ferramentas, principalmente a Internet. Muitos consideram que é o “futuro da educação”. O fato é que, sem o devido planejamento e, principalmente, se ignorarmos que a comunicação surge na interatividade, será desprezada sua real potencialidade. Sobretudo hoje, numa geração que cada vez mais está aprendendo com a troca de informação. A comunicação entre alunos e professores deve ser cada vez mais incentivada e utilizada, até para melhoria do processo. Não se pode limitar a tecnologia como a nova forma educacional e um único meio. É importante considerá-la como uma ferramenta auxiliar, vide a problemática relacionada à sua utilização.

Dentre os cursos semipresenciais públicos oferecidos no Estado do Rio de Janeiro, boa parte são de licenciaturas, portanto, tem por objetivo à formação de professores. Logo, o cuidado com a orientação pedagógica deve ser rigoroso, uma vez que, os egressos atuarão na área educacional. Seria interessante então, uma modalidade completamente à distância se tratando de futuros docentes? Certamente que não, pois, o licenciado em formação deve estar apto para atuar em sala de aula e isso só é possível através do contato com tal experiência. Sabe-se que a ementa dos cursos universitários preveem aulas práticas e horas de estágio. Na EaD não será diferente e não poderá, sobretudo no contexto da licenciatura.

Ao abordarmos os cursos de EaD na área de Turismo, nos deparamos com problemáticas semelhantes as supracitadas. O Turismo é um campo que se apoia em embasamento teórico e pressupõe aproximações com a parte prática. Cabe ao discente, observações do fenômeno turístico que se encontra continuamente em mutação. Discutiremos assim, a relevância da Licenciatura em Turismo oferecida na forma semipresencial.



Formação semipresencial de Licenciatura em Turismo

O estudo de Turismo no Brasil se inicia na década de 70, na Faculdade Morumbi em São Paulo. Com o crescimento do setor ao longo dos anos, surge uma infinidade de cursos técnicos e superiores, esses últimos, bacharelados. A licenciatura em Turismo é mais recente, criada primeiramente em outros países como Portugal no ano de 2002. O único curso desse tipo é o semipresencial promovido pela Fundação Cecierj/ Consórcio Cederj do Rio de Janeiro, com o objetivo de formar profissionais que atuem na educação profissional e no ensino fundamental.

Há discussões acerca da relevância da Licenciatura em Turismo, contudo Catramby e Daibert (2004) defendem sua existência. Para eles o ensino do Turismo, “em seus diferentes níveis, precisaria muito mais do que um mero profissional habilitado a lecionar, mas sim um educador com formação estruturada para tal fim (...)”³. Muitos professores formados na área ingressam na atuação em sala de aula sem saber técnicas de didática e pedagogia.

Os alunos que cursam a licenciatura em Turismo têm em seu currículo as mesmas disciplinas oferecidas no bacharelado. A diferenciação se dá pelo estudo das de cunho pedagógico. O curso presencial apresenta além do conteúdo formal, as visitas técnicas, trabalhos de campo e pesquisas. Defendemos que os discentes da EaD, devem igualmente experimentar essas práticas. É interessante realizar atividades que promovam a interação do conteúdo aos conhecimentos do aluno. A modalidade a distância é embasada pelas universidades públicas, que possuem o compromisso com o ensino, a pesquisa e extensão. Deste modo, cada um desses pilares deve ser vivenciado, até mesmo pelos alunos semipresenciais. Neste caso, vamos compreender a relação da extensão através dos seus projetos e a EaD.

³Disponível em: <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=2178>

Acesso em: 24 jul 2013



O papel da Extensão na EaD

A extensão universitária é a ação junto à comunidade. É considerada uma forma de retorno ao público do que foi aprendido na Universidade. Também é a inclusão daqueles que estão fora do âmbito universitário. Isso se dá através de projetos, criados com a proposta de realizar atividades que beneficiem o entorno que o aluno universitário está instalado. A extensão está diretamente comprometida com a pesquisa. Na EaD, não será diferente, porém vemos que há poucas iniciativas desse tipo. Desta forma, faz-se importante haver a aproximação dos alunos das técnicas de pesquisa, através de variados tipos de investigação, possibilitando o aprimoramento dessa competência. Muitos alunos – sejam da modalidade presencial ou à distância – sequer têm conhecimento da existência desse compromisso e estão contaminados pela visão de que a graduação está voltada somente a produção de mão de obra qualificada. Compete aos professores e tutores transformar esse pensamento e atrair a participação dos discentes.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) é a Universidade que atualmente, possui grande parte de seus alunos na modalidade EaD, atingindo quase sua maioria. Inserido na Coordenação de Ensino a Distância (CEAD) está o Programa Território e Trabalho. O projeto dispõe-se a “promover a inclusão social e possibilitar o acesso e a partilha de conhecimentos entre os sujeitos por meio de um intenso processo de comunicação e de novas práticas sociais em redes eletrônicas”⁴. É proposto para os alunos da Licenciatura em Turismo da Unirio referentes aos polos de Campo Grande e da cidade de Macaé, o projeto “Visite seu bairro”, aprovado pelo edital de incentivo ao ensino, pesquisa e extensão para os cursos de graduação na modalidade à distância.

⁴Disponível em: <http://www.unirio.br/cead/editalterritorioetrabalho.html> Acesso em: 24 jul 2013.

O projeto Visite seu bairro

O referido projeto foi primeiramente pensado para o polo carioca da UNIRIO, o bairro de Campo Grande. Para ser aplicado em seu polo interiorano, o município de Macaé, houve a necessidade de sofrer algumas alterações, uma vez que se tratava de uma cidade ao invés de uma região do Rio de Janeiro. Após isso, foram selecionados bolsistas, os quais são orientados pelos professores e tutores estabelecendo assim, o diálogo entre eles. O primeiro passo consistiu na leitura de textos que embasam a pesquisa. Para tanto, foram realizadas reuniões no polo para que o processo tomasse corpo e a partir daí, estabelecer embasamento teórico das alunas⁵ bolsistas.

O discente na educação a distância muitas vezes fica preso na lógica de apenas estudar para as provas e não vivenciar plenamente as dinâmicas de uma universidade pública. Por isso, projetos que aliam ensino, pesquisa e extensão, como nesse caso, são interessantes para uma boa formação. Os debates, seminários, prática da pesquisa e eventos culturais contribuem para a criticidade do aluno, que consolida o seu conhecimento de forma mais perene. Para entender esses caminhos investigativos, a pesquisa se utiliza da metodologia de projetos, que se sustenta no trabalho em rede e no aprender a aprender, ou seja, colocar o educando no centro de seu saber, corresponsável pelo seu próprio conhecimento. Segundo VENTURA (2002), ao trabalhar em equipe e transformando as informações em significados inteligíveis:

todos esses quatro conceitos - representação, identidade, negociação e rede – permitem a construção coletiva de um saber ou de um conhecimento novo, através da desestabilização das representações iniciais dos membros da equipe e da construção de um novo equilíbrio em um nível superior. E nesta ação de construção de uma nova obra ou produto, a confrontação e a negociação de representações entre os atores de uma rede de conhecimento, reforçam e complexificam as novas aquisições. (VENTURA, 2002, p.39)

⁵As bolsistas são as discentes, Tânia Maria Pinheiro Braga e Gleicy Vitoriano Gomes.

No caso do polo em Macaé, analisar a dinâmica da cidade e seu potencial para o lazer, assim como seus atrativos turísticos mostraram-se etapas de grande complexidade e instigou as discentes. Macaé é uma cidade em constante mutação, impactada desde a década de 50. Nas décadas posteriores, precisamente na de 70 recebeu a sede da Petrobras. Com a descoberta de poços de petróleo, viu sua vila de pescadores, marcada pelo clima pacato de veraneio do interior se transformar num intenso fluxo de pessoas, caminhões, empresas, navios, helicópteros. Em sua paisagem, não somente podemos observar os atrativos naturais, como por exemplo, o arquipélago de Sant'Anna, mas também, as plataformas petrolíferas. Quarenta anos depois, a cidade de porte médio sofre problemas comuns às metrópoles mais cosmopolitas de nosso país: engarrafamentos, problemas nos serviços essenciais, nos transportes públicos, poluição, crescimento desordenado, violência, formação de bolsões de pobreza, entre outros. Um conflito entre os nascidos na terra e os forasteiros igualmente se evidencia nas conversas cotidianas. Muitos moradores antigos convivem com as recentes formas de lazer e de interação social nessa nova Macaé. Alguns se perguntam até que ponto a população flutuante poderá alterar as concepções da cidade e a identidade dos que ali vivem.



Figura 1: Igreja de Santana.

Fonte: <http://mapadecultura.rj.gov.br/macaee/igreja-de-santanna-2/>

A pesquisa pretende investigar e desmitificar essa seara. Através dela as bolsistas produzirão uma visita guiada, que gerará uma exposição itinerante. A orientação delas é realizada pela professora coordenadora da disciplina de Cultura Brasileira do curso de Licenciatura em Turismo da Unirio, Maria Amália Oliveira e pelas tutoras presenciais que escrevem este artigo. Nessa exposição, as narrativas de quem vivia e vive na cidade de Macaé serão expostas, mostrando que este lugar, a “Capital Nacional do Petróleo”, também possui sujeitos ativos e protagonistas de suas próprias histórias.

Para compreender o andamento do processo que culminará no que foi exposto anteriormente, discorreremos sobre os caminhos intelectuais para atingir esse objetivo. O primeiro deles foi à realização de leituras e pontuação de conteúdos relevantes para a pesquisa. Após a análise os conceitos de memória e identidade, a partir dos textos *Quatro proposições sobre a memória social* de Jô Gondar e *Memória e Identidade Social: estudos históricos* de Michel Pollak, as bolsistas foram desestabilizadas. A ação das tutoras orientadoras nesse momento foi fundamental para mediar esse processo e conduzi-las para um caminho de novos equilíbrios. O estudo dos conceitos se deve ao entendimento das tutoras de que os macaenses vivem num lugar de constantes transformações e de diversos fluxos, inclusive devido a população flutuante, que trabalha durante a semana e volta para sua cidade de origem no fim de semana. A busca do sentimento de identidade dos macaenses, dos vínculos que aquelas pessoas têm com sua cidade, se dá também pela construção de uma memória. Pollak (1992) afirma que consideramos a memória uma construção individual. Porém, Maurice Halbwachs a entende como um fenômeno coletivo e social. Para ele, a memória nacional é a mais completa forma de uma memória coletiva. Segundo Gondar (2005), memória social é um conceito transdisciplinar, ético e político, construído de forma processual e que não se esgota na representação. A partir daí, foram propostas entrevistas com memorialistas, ativistas de movimentos sociais, moradores antigos da cidade, produtores culturais e guias de turismo locais. A seleção dos espaços mapeados se baseou não apenas em prédios antigos que contassem o passado macaense, mas identificar lugares portadores

de uma memória significativa para a população. Alguns deles nem sempre eram reconhecidos pelo poder público, se configuravam como espaços de disputa.

Exemplo interessante é a estação ferroviária da cidade localizada no bairro Miramar, próximo à região central, hoje abandonada. Há mais de seis décadas atrás era sinônimo de progresso, transportava mercadorias e integrava Macaé a capital do Estado. Próximas dos trilhos, as famílias dos ferroviários estabeleceram-se e viveram tempos áureos em que o trem levava passageiros nos dias de diversão e permitiu a ascensão social dos seus trabalhadores. Descendentes destes formaram uma Associação dos Ferroviários de Macaé. O objetivo, dentre outros, é construir um centro de memória que pudesse divulgar para a população macaense a importância que aquele meio de transporte teve para a cidade em certo período histórico. Apesar de sucessivas conversas e promessas do poder público, este centro ainda não foi tirado do papel, mesmo com a expectativa de instalação de um VLT – veículo leve sobre trilhos – no lugar onde antes circulava o trem.



Figura 2: Antiga estação ferroviária

Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_rj_litoral/macaee.htm

Ao conversarem com Anita Perpetto, presidente da associação, as discentes perceberam como a memória é vivida pelas pessoas e como ela é essencial para constituir as identidades. Para elas, Macaé não era mais uma cidade apenas do petróleo,

mas também do trem. A partir daí, perceberam que nem sempre os pontos escolhidos para a visita guiada, seriam os mesmos de um roteiro turístico da prefeitura, uma vez que, toda seleção tem suas escolhas, isto é, dá a ver certas manifestações e ocultar outras. Em uma das reuniões sobre a seleção dos lugares, uma das bolsistas queria pesquisar sobre todos os patrimônios da cidade, sem saber que ainda não havia tombamento do IPHAN em Macaé, mas apenas tombamentos municipais. A vontade de abarcar tudo através da pesquisa foi mostrando-se improdutivo. A partir dos interlocutores, elas perceberam que a seleção de lugares poderia ser feita através de um recorte histórico de pertencimento, que mostrasse como a cidade era e é apropriada pelos seus moradores. Podemos citar a título de ilustração, o Solar dos Mellos. O prédio atualmente abriga uma instituição de memória e pesquisa histórica da cidade. Contudo, para um macaense de 70 anos, ele seria identificado dessa maneira? A resposta provavelmente será não. Mas, talvez para um jovem, esse local represente este novo uso. Essa análise passa a ser melhor trabalhada pelas bolsistas no andamento da pesquisa, através do amadurecimento intelectual e o avanço no tratamento dos dados.



Figura 3: Solar dos Mellos

Fonte: <http://www.museusdorio.com.br>



Por fim os pontos selecionados para serem pesquisados e expostos foram: Antiga estação ferroviária; Local de produção do boi pintadinho Falcão; Igreja de Sant' Anna; Sociedade Musical Beneficente Lyra dos conspiradores; Sociedade Musical Particular Nova Aurora; Solar dos Mellos; Mercado de peixes; Rua Benedito Lacerda e bar Bico da Coruja; Forte Marechal Hermes.

Considerações Finais

O projeto de extensão se encontra em andamento. A fase atual é a de catalogação e pesquisa de viabilidade dos locais selecionados. Para isso serão utilizados os formulários de inventariação da oferta turística, já estabelecidos pelo Ministério do Turismo, referentes a atrativos naturais e ambientais. Como já citado, as informações recolhidas resultarão numa exposição itinerante, que será mediada pelas bolsistas e apresentada no polo para os demais alunos e comunidade local.

Sem interação não há conhecimento. O projeto de pesquisa faz com que os discentes reflitam sobre seu lugar de vivência. Faz também, que pensem na forma que o conhecimento é produzido e na relação entre a universidade e a sociedade. A educação a distância nas últimas décadas é feita com base nas tecnologias e da interação em rede, ainda assim é importante percebermos que mesmo a mais avançada tecnologia não é capaz de invalidar a presença de interlocutores preocupados em mediar e construir conhecimento com seus educandos. Ao levar a pesquisa para a EaD, propiciando atividades de extensão, é mais do que trazer os pilares da universidade para perto dos alunos, mas sim, fazer com que a própria comunidade do entorno conheça aquele espaço. Além disso, possa desfrutar dele refletindo sobre o lugar onde vivem.

REFERÊNCIAS

BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394*. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2013.



CATRAMBY, Teresa; MACEDO, Andreia Pereira de. *Ensino a distância: desafios e oportunidades na formação de professores*. In: V ANPTUR. Belo Horizonte, 2008. p. 1 – 9.

CATRAMBY, Teresa; DAIBERT, André. *Reflexões sobre uma licenciatura específica para o Turismo*. Disponível em:
<<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=2178>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

GODOY, Karla Estelita. *Formação humana no ciberespaço: os sentidos da presença na educação a distância*. 2009. 175 f. Tese (Doutorado) - Uerj, Rio de Janeiro, 2009.

GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social*, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social: estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992.

VENTURA, P.C.S. *Por uma pedagogia de projetos: uma síntese introdutória*. Rev. Educação Tecnológica., Belo Horizonte, v.7, n.1, p.36-41, jan./jun.2002.